

OLIVEIRA, Álamo. *Com perfume e com veneno*. Lisboa: Edições Salamandra, 1997.

Álamo Oliveira é poeta, contista, dramaturgo e romancista açoriano. Entre seus romances estão *Burra preta com uma lágrima* (1982), *Até hoje (memórias de cão)* (1986), *Pátio da Alfândega meia noite* (1992), e as coletâneas de *Contos com descontos* (1991) e *Com perfume e com veneno* (1997). Humor e virtuosidade estilística são características presentes nos contos de Álamo Oliveira. Suas narrativas são permeadas pela sensação de isolamento dos moradores das ilhas. A necessidade da libertação, da procura de novos ares renovadores além do mar, que se avista ao redor de cada ilha, aparece nas ações das personagens dos contos de *Com perfume e com veneno*.

A coletânea compõe-se de onze contos, narrados sob a perspectiva de narradores diversos. A diversidade estende-se também os temas de cada conto. *Por uma lágrima gorda*, conta a história da negrinha Segunda, moradora de Binta, em Guiné-Bissau. O narrador é um professor que dotado de sensibilidade, aproxima-se de Segunda e conquista-lhe a amizade. Dividiam a comida, que ele trazia de casa e as tristezas de um mundo em guerra.

*História de Natal* é uma fábula sobre o nascimento de Cristo. Gustavo, o protagonista, pede a mãe, que está grávida, para contar-lhe do nascimento do menino Jesus. Gustavo preenche com sua imaginação prodigiosa a história, questionando à mãe coisas que não entendia. Uma de suas curiosidades era saber porque José e Maria não foram a Belém de camioneta e sim de burro. A vinda do irmão deixa-o vaidoso perante Cristo, pois ele não sabia como era bom ter irmãos.

*Ela* é a história de um crime. A protagonista que atende pelo pronome Ela, não tem seu nome revelado ao leitor. Acusada do assassinato do marido, o senhor Ruy de Sousa, conhecido como Sousinha, é presa. O cadáver havia sido encontrado com um tiro na testa e outro no sexo. Embora ela afirmasse a autoria da morte do marido, o processo foi arquivado e ela devolvida à sociedade. Ao ser trazida pelos policiais à sua casa, deixa-os intrigados quanto ao interlocutor para quem ela exclama: *enfim sós!*

Em *Vida e feitos do Boticário de Odemyra* conta-se a história de Damiano que chegara a cidade com dezessete anos de idade. Abandonado pelos amigos depois de uma

noite de farra no bordel da cidade vê-se sem dinheiro e sem casa. O boticário da cidade toma-o por ajudante. Aprendeu a aviar as receitas, firmou-se na atividade e quando da morte do mentor, ficou de dono do estabelecimento. Aprendeu também a arte de jogar xadrez, assunto sobre o qual escreveu um tratado, que embora o tempo tenha desgastado as letras que compunham o título, provam a existência sobre a vida e os feitos do boticário.

*O engraxador* é a história de um sujeito que depois de diversas investidas no mundo dos trabalhos, acaba por ser engraxador. Não sendo afeiçoado a luxos, passava os dias sentado à praça, na espera de algum cliente. O que não se sabia era de sua cultura: sem dinheiro ou amor (casara-se e esquecera da mulher), escolhia a dedo suas leituras. Narcisista, amava seu próprio corpo. Morreu, foi tudo que se soube dele.

Homônimos nem sempre são coincidências. É o que acontece com Noé, personagem de *A inconveniência de se chamar Noé*. Sonhos, vozes que lhe ditam ações, pragas que assolam a lavoura e o pomar. Animais de duas cabeças, abóboras gigantes, eram avisos do destino de Noé. As tábuas, pregos, serras e demais materiais estavam numa manha, dispostos frente à sua casa para que construísse a arca. Deveriam ser salvos sua família e um casal de cada espécie animal que habitava a ilha.

*O perfume da santa* é a irônica história de uma moça que desde a infância era desconhecadora de pecado e sacrilégio. De uma beleza angelical era doce e vivia sossegadamente a bordar. Foi, por indicação do padre, para Lisboa, ser freira. Na solidão e no silêncio, dedicava-se a bordar toalhas de altar, e de tanto bordar adoeceu. Definhava a olhos vistos e não tardou a morrer, deixando uma flor com o perfume da morte para suas companheiras de convento.

Uma livraria que é espaço de encontros amorosos, é o que nos conta o narrador de *Livraria meu amor*. Um local bonito e discreto, onde se encontram as personalidades intelectuais da ilha. Casos de amor são contados e observados por Gabriela, a vendedora da loja. As outras personagens são nomeadas por suas ocupações, formando uma tipologia de frequentadores: *a senhora quase cinquentona, o senhor bem informado, a senhora dona de casa, o ensaísta de gabardine verde seco* entre outros. Suas preferências literárias são observadas

detalhadamente pelo narrador. Não somente livros compõem uma livraria.

O autor e sua ausência total de senso é o tema de *O maior livro das ilhas*. A obra que não se destacava pelo assunto ou pela genialidade de seu criador aparecia no *Guinness Book* como o maior livro das ilhas: 4,750 kg; 32,5 × 42 × 7cm, fora o papel em que fora impresso. O autor, talvez de tristeza, adoeceu. Morreu algum tempo depois sobre a cama, posição que lhe atribuíram como cômoda. Há quem dissesse que o livro o matou, caindo-lhe da estante sobre a cabeça. Os exemplares que sobraram foram queimados pelo editor. Um fim purificador ao maior livro das ilhas.

*Eureka* é a palavra mágica, pronunciada pelo membro do Governo, todos os dias da janela do gabinete. Aparentemente inocente a palavra, reunia na verdade, as idéias sobre a ilha. Pequenas outras ilhas seriam construídas dentro da maior. Em cada uma delas, habitaria o povo dividido em grupos por ocupações, idosos, uma ilha cemitério, também os alimentos e animais teriam sua ilha. Uma ilha estranha em que o jogos de azar seriam de sorte, que até o papa poderia jogar. Muito trabalho estava por ser feito: arquitetos e sociólogos todos estavam preparados para começar o trabalho. Construir ilhas não é de um dia para o outro.

Uma ilha invadida e devorada por ratos. É a história de *O velho Joaquim*. Aos poucos a ilha onde mora o velho Joaquim, torna-se o inverso do paraíso: as lavouras são esquecidas, as pessoas envelhecem e tornam-se estéreis. Pássaros e homens entristeceram com o passar do tempo. Esquecida por todos a ilha foi somente lembrada como votos a serem contados pelo Governo. O fim do mandato e a necessidade de apoio ao Presidente trouxeram à memória dos políticos a existência da ilha. Os ratos que haviam surgido, devoraram a todos os habitantes: homens, animais e plantas. O único sobrevivente é o velho Joaquim, que observa com seus olhos cinzentos a comitiva do Governo ser devorada ao atracar no cais.

Álamo Oliveira não se detém apenas em moradores de ilhas. As situações vividas por suas personagens são figurações do homem frente ao tempo, à morte, ao inevitável destino das coisas e dos homens. Não faltam em suas ficções: amores, amizades, alegrias e dores. Todos os elementos são tratados com poesia e eficazes alegorias. Se a insularidade não é apenas espaço, mas um modo de ser e projetar-se no mundo, Álamo o expressa muito bem, principalmente neste livro de contos.

**Gabriela Farias**

Doutoranda em Teoria da Literatura na PUCRS. Bolsista CNPq.